

Política e Ciência: Pernambuco no Tempo dos Flamengos

Bartira Ferraz Barbosa
Historiadora/Professora da UFPE

Refletir sobre o “tempo dos flamengos”, tempo de Nassau¹ no governo de boa parte do território da capitania de Pernambuco, nos leva ao mundo moderno dos descobrimentos e avanços científicos de um período em que fora associado à geografia a descrição do meio, através de textos e pinturas que chamamos de *paisagem*. Ora o Mundo Novo, ora o Velho Mundo, na verdade a visão medieval cunhada no movimento escolástico começava a ser rejeitada na velha Europa.

A concepção escolástica era baseada no conceito de hierarquia, em que o universo era povoado por seres que se encadeavam em ordem de perfeição decrescente a partir de Deus.²

Desde o início do século XV, quando da tradução do livro de Ptolomeu, *Geografia*, a representação do mundo passava por novas interpretações baseadas em estudos astronômicos vinculados à navegação e às relações comerciais estabelecidas entre as mais variadas sociedades da época.

Lentamente os descobrimentos científicos da física, matemática, astronomia e geografia, com Kepler, Galileu, Colombo e Gerhard Kremer, entre outros, juntamente com as possibilidades econômicas que surgiram através das navegações, começaram a mudar a maneira de pensar e agir de muitas e diferentes sociedades.

Kepler e Galileu foram cientistas pagos por príncipes alemães e italianos, respectivamente, para realizar estudos e lecionar em universidades européias. Colombo, apesar da sua origem duvidosa, consegue apoio às suas idéias e financiamento da Coroa de Castela para chegar à América Central.

Da aliança entre estudos científicos, empirismo e iniciativa comercial, foi possível, para as coroas ibéricas e companhias de comércio, estabelecer sistemas e planejamento para exploração do mundo moderno nos séculos XV e XVI. Após as descobertas ibéricas, os estudos científicos não pararam. Gerhard Kremer, dito Mercator, matemático e geógrafo flamengo (1512, Rupelmonde / 1594, Duisburg) elaborou um mapa-múndi (1538) e criou o sistema de projeção cartográfica que leva seu nome (1552). Esse sistema possibilitou um maior conhecimento das distâncias entre pontos escolhidos de qualquer mapa e procurou responder aos desafios que as navegações apresentavam, através da representação de meridianos de longitude por paralelas eqüidistantes e de latitudes por paralelas perpendiculares aos meridianos.

Com o fim da guerra com a Espanha e a tomada do porto de Antuérpia pelos espanhóis, Amsterdã torna-se o porto e o centro econômico holandês mais importante como também um dos mais importantes do mundo ocidental. A cidade, que passaria por grandes obras com construções de canais e casas, virou símbolo da burguesia e nela foram construídas as *Verseit*, conjunto de casas para a burguesia.

Luteranos alemães, protestantes, católicos, nobres, burgueses, entre outros grupos sociais e religiosos, fizeram morada em Amsterdã, seguindo uma política social e um planejamento urbano que, baseados na forma de utilização dos espaços urbanos, chegavam a determinar altura e fachada das casas e comportamento social tolerante mantido sob rígido controle. Amsterdã era então uma cidade “tolerante”. Seus governantes, seguindo o *Movimento de Tolerância* que surgiu no século XV a partir do movimento chamado *Irmãos da Vida Comum*, ao que parece, determinaram também uma nova política econômica para a Holanda no período.

Os escritos de Thomas a Kempis, ideólogo do *Irmãos da Vida Comum*, influenciaram Erasmo de Roterdã,³ seu aluno, e o levaram a escrever sobre temas como livre consciência, livre vontade, religiosidade individual e tolerância.

Baseado nos temas *liberdade e tolerância*, seu texto *Tratado de livre-arbítrio* (1524) e o livro *O Elogio da Loucura* (1511) foram rejeitados por protestantes, católicos e calvinistas ortodoxos. Erasmo foi para a Renascença uma das figuras mais marcantes.

A liberdade de comércio, defendida nos portos holandeses, não havia em outros portos, e o pensamento de Hugo Grotius, de *Mare Liberum*,

serviu de incentivo à livre navegação e à conquista de territórios do Novo Mundo, então sob padrões ibéricos.

Após algumas viagens isoladas ao Oriente, realizadas no final do século XVI, constituiu-se na Holanda, em 1602, uma Companhia com capitais particulares que, vencendo dificuldades, fez crescer os lucros a tal ponto que as ações de cada um dos sócios quadruplicaram.

A presença holandesa no Oriente não foi insignificante. Navegaram o Golfo Árabe e Pérsico; fizeram pontos nas ilhas Molucas; edificaram em várias ilhas como Taprobana, hoje Sumatra, Java Formosa e outras. Estabeleceram relações comerciais com os chineses e japoneses.

No início do século XVII, a Companhia das Índias Orientais dava tanto lucro que foi possível pensar em organizar uma segunda companhia para dar continuidade às negociações com o açúcar brasileiro, visto que as refinarias de açúcar holandesas estavam paradas devido à guerra entre Espanha e Holanda.

Toda a produção de açúcar dos 121 engenhos pernambucanos, no início do século XVII, estava impedida de ser refinada nas refinarias da Holanda e dos Países Baixos, pois Portugal e suas colônias estavam sob administração da coroa espanhola.

Com apoio econômico da burguesia açucareira flamenga, que só em Amsterdã reunia, à época, 26 refinarias de açúcar, e apoio de Isabel, da Inglaterra, e Henrique IV, da França, ambos inimigos da Espanha, foi possível atacar Salvador, sede do Governo Geral do Brasil.

Em 1623, uma frota holandesa, já financiada pela Companhia das Índias Ocidentais, invade a Bahia. Expulsos um ano mais tarde, iniciam o planejamento para uma nova invasão. Sob o comando do almirante Hendrick Corneliszoon Lonck, com 65 embarcações e 7.280 homens, invadem Pernambuco em 14 de fevereiro de 1630.

Para o Prof. Dr. José Luiz Mota Menezes, a permanência da Holanda no Nordeste do Brasil pode ser vista sob três períodos de tempo. O primeiro refere-se ao desembarque na praia de Pau Amarelo; o segundo, à conquista de Olinda e Recife e ao estabelecimento do comando no Colégio da Companhia de Jesus, em Olinda; o terceiro, ao abandono de Olinda por razões de defesa, a seu incêndio e à mudança da população holandesa ou ligada a ela para a Aldeia Recife. Esse período começa em 1630 e finda em 1637.

Eu acrescentaria mais dois, um para o período do governo de Nassau, de 1637 a 1644, e outro após sua volta à Holanda, até a expulsão dos

holandeses de Pernambuco, visto que neles ocorreram importantes ações culturais e científicas que trouxeram uma nova forma de estudar e ver o mundo.

Durante a administração de Nassau, o Recife vai ser palco de uma política governamental atípica comparada a outras do seu tempo existentes no Novo Mundo. Atípica por apoiar o desenvolvimento de estudos científicos, pinturas, desenhos, mapas e coleções de objetos, resultado de projetos apoiados pelo Conde Maurício de Nassau, governador holandês em Pernambuco. Nessa época, documentos registram a presença de portugueses, franceses, belgas, flamengos, italianos, alemães, judeus ibéricos e do norte da Europa, holandeses e ainda uma grande quantidade de nativos de tribos diferentes com seus mundos e conflitos em Pernambuco.

O Conde Maurício de Nassau traz a Pernambuco uma comitiva de artistas e cientistas, entre eles figuraram o latinista e poeta Franciscus Plante; o médico e naturalista Willem Piso; o astrônomo, naturalista e geógrafo George Marcgrave; os pintores Frans Post, Albert Eckhout; o médico Willem van Milaenen, entre outros. Durante seu governo em Pernambuco, contou ainda com trabalhos do humanista Elias Herckmans, dos cartógrafos Cornelis Bastanszoon Golijath e Jojannes Vingboons, do desenhista Gaspar Schmalkalden, do pintor Zacharias Wagner e do arquiteto Piter Post, que se integraram em datas posteriores.

Em 1639, estava projetada, por Pieter Post, a nova cidade, construída na Ilha de Antônio Vaz, onde os franciscanos haviam estabelecido o convento de Santo Antônio em 1606. A nova cidade recebeu o nome de Cidade Maurícia. Nela foram construídos o Palácio de Friburgo, conhecido como o Palácio das Torres; a casa da Boa Vista, um horto zoobotânico; canais; viveiros; templos para os calvinistas franceses; duas pontes de grandes dimensões ligando a cidade Maurícia à Ilha do Recife e outra ligando o Recife ao continente.

Nos projetos urbanísticos, nos desenhos e nas pinturas, um olhar novo aparece. A visão científica dos homens de Nassau aplicada ao novo era totalmente ímpar; não se tem notícia de trabalhos como esses em outras partes da América nesse período. Os desenhos e as pinturas de Eckhout revolucionavam; sua temática era o retrato de figuras da terra em mistura a animais e vegetais, que registrava como se quisesse estudá-los. Apenas no século XVIII, com o Iluminismo, a ciência passa a ter destaque na Europa, com apoio das cortes. Os retratos passam a ser usados com fundos de paisagens, formando um dos mais belos conjuntos de pinturas sobre personalidades das cortes européias.

Com a volta de Nassau à Europa, em 1644, ele presenteia o Rei Luís XIV com toda sua coleção de desenhos de Eckhout — como ditava a moda europeia da época, esperando em troca algum favor, apoio que podia ser político ou de outra ordem. Com a morte de Nassau, quase vinte anos depois da sua volta a Europa, o Rei Luís XIV fica livre de sua dívida, pois o Conde Maurício de Nassau não deixava nenhum descendente. Os desenhos de Eckhout passaram a ser copiados no século XVIII por artesãos da fábrica de tapetes decorativos famosos da França, os gobelins, em trabalhos de composição de cenas com base em temas de eckhoutianos.

Notas

1 Alemão, nascido em Dilenburg, a 17 de janeiro de 1604, e falecido nos arredores de Cleve, a 20 de dezembro de 1676, João Maurício de Nassau Siegen pertencia à casa Nassau e era filho primogênito do Conde João VII e de sua segunda esposa, Margarida von Helstein-Soberborg, membro da família real da Dinamarca.

Por parte do pai, João Maurício de Nassau era sobrinho-neto do Rei Guilherme de Orange, o Taciturno. Em 1584, com a morte de Guilherme de Orange, seu filho, Maurício de Orange, torna-se rei da Holanda e passa a governar também as províncias da futura República dos Países Baixos. Maurício de Orange toma João Maurício de Nassau, seu parente, como afilhado.

Aos 16 anos de idade, Nassau ingressava no exército. Coincidentemente era o ano de 1621, início do período de trégua entre a Holanda e a Espanha.

Ainda muito jovem, Nassau assumiu o posto de Stadthouder de Cleve, espécie de “lugar tenente” do monarca holandês e que fazia as vezes de representante de Felipe II em várias províncias da República dos Países Baixos.

2 Ferraz, M. do S. *Os descobrimentos e a ciência da época moderna*. p. 39-40.

3 Erasmo foi aluno de Thomas a Kempis.

Bibliografia

BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados no Brasil*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980. p. 410. ilus. 60 gravuras, reproduzidas em fac-símiles, da editora de Amsterdã, de 1647, 23 assinadas por Frans Post (1645). Coleção Recife, vol. 4.

LAGO, Beatriz e CORREA, Pedro. *Os quadros de Post pintados no Brasil*, in: O Brasil e os Holandeses, 1630-1654. Paulo Herkenhoff (organizador). Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999. p. 240.

LEÃO, Joaquim Souza. *Frans Post 1612-1680*. Amsterdã, A. L. Gendt & Co., 1973, Doc. VI e Doc. VI h. Arquivo da Casa Real, Haia, 4 / 1463. A correspondência acerca dos presentes enviados ao Rei da França integra o Maço nº 1486 do referido arquivo.

LEITE, José Roberto Teixeira. *A pintura no Brasil holandês (1967)*, citado por Roberto Pontual, in dicionário das artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 436

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

O Brasil que Nassau Conheceu. Organização de Leonardo Dantas Silva. Apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: SEC, Departamento de Cultura, 1979.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1996.

WHITEHEAD, P. J. P. e BOESEMAN, M. *Um retrato do Brasil holandês do século XVII*. Tradução de Edmond Jorge. Apresentação de José E. Mindlin. Prefácio de Hans Hoetink. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. p. 184